

Massa Crítica

Na visita dos deputados alemães, a indignação não foi pouca

Ana Garcia¹

“A visita dos parlamentares alemães, que diretamente representaram a posição da empresa, somente reforça a nossa luta: Fora TKCSA!”

No dia 11 de abril, uma comissão de pescadores, moradores e moradoras de Santa Cruz, impactados pela siderúrgica TKCSA, recebeu uma comitiva do Bundestag (Parlamento Alemão) que trata de temas relacionados à saúde na área da cooperação internacional. Foi uma em muitas outras visitas ao bairro, ao longo dos últimos anos, de atores e entidades importantes, nacionais e internacionais. Os moradores e moradoras de Santa Cruz já haviam recebido a deputada do Parlamento Europeu Gabrielle Zimmer (GUE-NGL) e a deputada do próprio Bundestag, Heike Hensel (Die

Linke). Acadêmicos, jornalistas e documentaristas (nacionais e internacionais), além de outros órgãos públicos como a FIOCRUZ, conhecem o local e a população que lá habita e sofre cotidianamente com os efeitos do modelo de desenvolvimento instalado ali.

Em se tratando de saúde em um país com fortes traços de subdesenvolvimento, em uma região altamente poluída por uma siderúrgica alemã, parece que os parlamentares alemães estavam mal informados sobre o que fariam ali e com quem se deparariam. Os impactos sociais e ambientais causados pela siderúrgica desde sua fase inicial de instalação já são bem conhecidos, dentro e fora do Brasil. Não somente os órgãos executivos (municipal, estadual e nacional) reconhecem os problemas

¹ Doutora em Relações Internacionais e pesquisadora do PACS.

e a necessidade de superá-los, como também outros órgãos públicos (universidades, Ministério Público, etc.) já apresentaram denúncias consistentes. Na Alemanha, o Parlamento vem atuando, especialmente através do partido de esquerda Die Linke, no questionamento ao governo alemão sobre seus conhecimentos e suas medidas frente às constantes denúncias. Movimentos sociais de solidariedade na Alemanha (FDCL, KoBRA) são atores fundamentais de articulação com as entidades de assessoria no Brasil e com os moradores e pescadores. Esses últimos chegaram a fazer uma série de palestras e reuniões na Alemanha em 2009, conversando inclusive com o sindicato da ThyssenKrupp em sua sede em Duisburg. No ano passado, um importante documentarista alemão lançou o filme “Markt oder Moral” (Mercado ou Moral) no principal canal de TV alemão, com alcance nacional, o ADR.

Tudo isso demonstra que os parlamentares que desta vez visitaram a área não poderiam estar tão despreparados. O Instituto Políticas Alternativas para o Cone

Sul, PACS, organizou uma comitiva de diferentes entidades sociais brasileiras, como outras ONGs, mandatos populares, ambientalistas, etc., para recebê-los. Após aguardarem quase duas horas para sua chegada, os parlamentares escutaram somente 20 minutos sobre a realidade contada desde baixo, por aqueles/as que são invisibilizados nos números apresentados pela própria ThyssenKrupp. De frente para os serem humanos, parece que os números prevaleceram. Preferiram, conforme diretamente falado, ficar com aqueles números, que são somente números.

Não era de se espantar. Imaginemos os piores representantes da política brasileira (por exemplo, Sérgio Cabral, Carlos Minc, Bolsonaro, Feliciano, e tantos outros), indo a um país mais pobre, por exemplo Moçambique, para ver a realidade vivida pelas comunidades impactadas pelo empreendimento de uma empresa brasileira, por exemplo a mineradora Vale. Não seria muito diferente. Se esses políticos não têm sensibilidade para enfrentar os problemas da classe trabalhadora,

precarizada e cada vez mais empobrecida em seu próprio país, por que teriam sensibilidade de considerar o sofrimento da população em Santa Cruz? A decadente Europa, que hoje sofre uma das piores crises, foi berço do colonialismo aberto, que saqueou os países da América Latina, roubando seus recursos, dizimando sua população nativa, logo explorando trabalho escravo africano para seguir seu saqueio e alimentar o desenvolvimento capitalista europeu. O capitalismo na Europa, introduzido “a ferro e a fogo”, como dizia Marx, transformou seus camponeses mais pobres em classe operária super explorada nas fábricas. Essa mesma classe operária foi seduzida e cooptada por líderes conservadores a apoiar o imperialismo. Essa nova fase do imperialismo, com a corrida para a África, não mais significava o colonialismo aberto (com a submissão de outros territórios à soberania de algum Estado europeu), mas sim novas relações de dominação e submissão, que se deram mediante a exportação de capital para instalação de ferrovias, portos e obras de infraestrutura, além de algumas fábricas e

plantações que estavam obrigadas a exportar toda sua produção para a potência dona do capital investido. Aqueles investimentos também geravam dívidas com os países credores, estabelecendo relações de dominação não mais militares, mas econômicas e financeiras. Na esfera política e cultural, reinava o sentimento nacional de supremacia, racismo e desprezo pelo sofrimento dos povos superexplorados.

A ThyssenKrupp instalou sua planta no Rio de Janeiro em um dos bairros mais pobres da cidade. Aqui, sua planta recolhe o carvão e minério de ferro (matérias primas mais básicas da siderurgia) para, no primeiro nível de processo produtivo, transformá-los em lingotes de aço a serem exportados. Sua produção vai agregar valor aos lingotes nos EUA e na Alemanha, para aí transformá-los em produtos utilizáveis pelas sociedades (carros, eletrodomésticos, maquinário ou mesmo armamentos). Se o Brasil quiser esses produtos, tem que comprá-los, trazendo de volta ao país aquilo que exportou, mas pagando um valor muito mais alto, e, ainda, não tendo acesso àquela tecnologia. Mas não é verdade que

nada fica no Brasil, como muito bem sabem os pescadores, moradores e moradoras de Santa Cruz. A poluição do ar e das águas da Baía de Sepetiba, o impedimento do trabalho dos pescadores, as novas doenças respiratórias e dermatológicas causadas na população que vive nas imediações da planta – tudo isso somado à falta de respeito e o desprezo pela vida. A indignação não é pouca. É o mesmo sentimento anti-colonialista e anti-imperialista que nós e tantos povos vivemos. A visita dos parlamentares alemães, que diretamente representaram a

posição da empresa, somente reforça a nossa luta: Fora TKCSA!



Endereço: Rua Evaristo da Veiga, 47/702
Centro - Rio de Janeiro/RJ
CEP.: 20031-040 - Telefax: 55 21 2210-2124
Site: www.pacs.org.br
E-mail: pacs@pacs.org.br
Associada à ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais - desde 1991
Utilidade Pública Federal – Portaria nº 2.476, de 17 de dezembro de 2003 – Diário Oficial da União de 18/12/2003.
Utilidade Pública Estadual – Diário Oficial de 02/06/2003 – Lei nº 4.108.
Utilidade Pública Municipal – Diário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro de 13/09/2004 – Lei nº 3832 de 09/09/2004
Inscrição nº 620 no Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS, processo nº 08/015202/03, publicado no Diário Oficial do Município de 28/10/2003